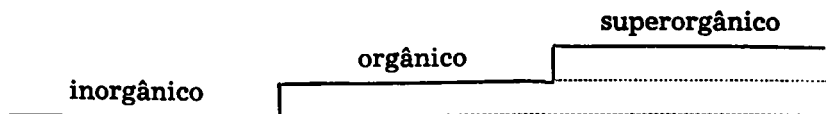


# LÍNGUA E CULTURA

J. Mattoso Câmara Jr.  
(Da Universidade do Brasil)

O. O objetivo da nossa aula (1) exige preliminarmente uma conceituação da CULTURA e uma conceituação da LINGUA, para em seguida estabelecermos a associação e o cotejo que o tema impõe.

1. Não cabe a um professor de lingüística definir a cultura. Entretanto, é preciso saber o que devemos entender por ela; senão a aula ficará sem sentido. Vou tentar chegar a essa definição pelo **approach** que para mim é o mais cômodo: o filológico, apreciando a origem do termo. Isto foi o assunto de uma minuciosa monografia de Joseph Niedermann, que procurarei resumir. Vemos por ela que o termo **cultura** substituiu **civilisation** e **politesse** e em Puffendorf adquiriu o sentido correspondente ao lat. **humanitas** na medida em que este termo caracteriza o humano em face do animal. A antropologia partiu do segundo sentido, desenvolveu-o e aprofundou-o. Creio não estar errado, diante dos meus colegas que são antropólogos, dizendo que de maneira geral a cultura é, neste caso, o conjunto do que o homem criou na base das suas faculdades humanas: abrange o mundo humano em contraste com o mundo físico e o mundo biológico. Lembro-me a este propósito ter ouvido aqui, de Castro Faria, a apresentação de Kroeber:



Esta apresentação, no intento do seu autor, destina-se a ex-

plicar o aparecimento do nível superorgânico (humano) partindo-se do inorgânico; mas podemos aplicar o esquema descritivamente. Dêste ponto de vista, num fato de cultura há um nível humano superposto a um orgânico (biológico) e a outro inorgânico (físico).

Voltemo-nos agora para a LINGUAGEM. Aqui eu posso definir menos timidamente. Trata-se da utilização dos sons produzidos pelos nossos órgãos vocais para o fim da comunicação entre os membros de uma dada sociedade. Esses sons são fenômeno físico, a que se superpõe o fenômeno biológico (produção pelos nossos órgãos vocais); são SONS (fenômeno inorgânico) **plus** VOCAIS (fenômeno orgânico). Mas os dois níveis conjugados ainda não constituem linguagem: esta só se realiza quando os sons vocais criam a comunicação no nível superorgânico. Então o produto vocal adquire um valor humano e é linguagem. Trata-se pois, essencialmente, de um fato cultural; é um produto do homem na base das suas faculdades humanas, tanto como outros produtos materiais ou mentais. Assim Tylor colocava a linguagem entre os objetivos culturais, para o fim de pesquisa antropológica, ao lado da indústria, da organização social, da religião etc.

2. O mal das definições é, porém, que baseamos cada uma em termos que precisam ser bem entendidos, isto é, por sua vez definidos. A nossa definição da linguagem depende do que se deve entender por **COMUNICAÇÃO**.

Com efeito, os sons vocais estabelecem certa comunicação entre os animais: o membro de uma horda grita para comunicar um perigo; um pássaro canta para chamar a companheira; um cão ladra para ameaçar um gato. Não é razoável dizer que nestes casos não houve o intento da comunicação mas apenas uma exteriorização emotiva; temos de admitir que nos irracionais há com os sons vocais um nível de comunicação sub-humano.

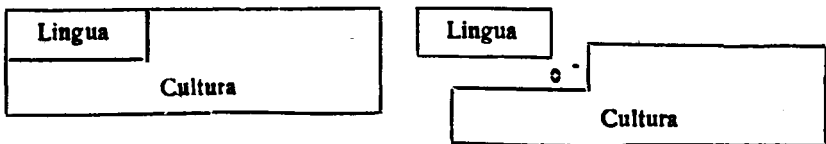
Em que consiste então o nível humano? A resposta é simples: na **SIMBOLIZAÇÃO**. Isto está esclarecido em lingüística desde Gabelentz: a linguagem humana caracteriza-se por segmentos vocais de significação permanente (al. **Eindeutig-**

keit), que se repetem nas mesmas circunstâncias. Um corolário disso é a divisibilidade, ou ARTICULAÇÃO, dos segmentos vocais produzidos pelo homem no que se chama a sua linguagem. A criação humana, em relação à linguagem, que a torna um fato superorgânico ou de cultura, é aplicar permanentemente segmentos vocais concatenados com as circunstâncias a comunicar, isto é, dêles fazer SÍMBOLOS, e ao mesmo tempo tratá-los como elementos articulados, isto é, resultantes de unidades mínimas que nêles se repetem, mas distribuindo-se diferentemente (cf. *ir - ri*) ou intercambiando-se (cf. *ri - li - vi* etc.).

Dessa simbolização e articulação resulta uma estrutura lingüística ou LINGUA. Portanto, a língua é um fato de cultura como qualquer outro; integra-se na cultura.

3. Há, entretanto, certas condições que tornam a língua uma coisa à parte em face dos fatos não-vocais de cultura. Procuremos esclarecê-las.

Em primeiro lugar, funcionando na sociedade para a comunicação dos seus membros, a língua depende de toda a cultura, pois tem de expressá-la a cada momento; é um resultado de uma cultura global. Ora, isso não acontece necessariamente com os outros aspectos da cultura: em cada um dêles se refletem outros (as concepções religiosas na arte, a arte na indústria e assim por diante), mas nenhum dêles existe para expressar todos os outros. Assim a língua é uma parte da cultura, mas uma parte que se destaca do todo e com êle se conjuga dicotômicaamente:



Esta condição já faz possível, ou até propicia, o estudo da língua em separado, como um todo que se basta a si mesmo; e o lingüista se destaca do antropólogo.

Mas não é tudo. A língua só existe justamente para êsse

fim; não tem finalidade em si mesma. A sua função é expressar a cultura para permitir a comunicação social.

Por outro lado, como meio precípua da comunicação social, é por meio dela que se processa o intercâmbio cultural na sociedade e ela se torna o acompanhamento de cada fato cultural de duas maneiras: 1) o fato cultural se acompanha de um conjunto vocal (oração na religião, preceito legal no direito, fórmulas normativas na indústria, no comportamento familiar etc.); 2) os membros participantes de uma atividade cultural influem uns sobre os outros através da comunicação lingüística. Em relação ao 1.º item, anotemos que há um aspecto cultural que só existe na base da língua: a modalidade de ARTE que é a LITERATURA; aí a língua está na própria essência da atividade cultural, mas não se confunde com ela: continua um meio para expressar qualquer coisa fora de si.

Finalmente as aquisições culturais são ensinadas e transmitidas em grande parte pela língua.

Assim a LÍNGUA, em face do resto da cultura, é — o resultado dessa cultura, ou sua sùmula, é o meio para ela operar, é a condição para ela subsistir. E mais ainda: só existe funcionalmente para tanto: englobar a cultura, comunicá-la e transmiti-la.

Isto opõe naturalmente a língua ao resto da cultura, ou cultura *stricto sensu*, e cria uma ciência independente para estudá-la — a lingüística em face da antropologia, que estuda tôdas as outras manifestações culturais.

4. Ora, no estudo da língua, o lingüista focaliza antes de tudo a sua estrutura ou forma. Vimos que a língua se constitui de elementos vocais permanentes que se combinam de múltiplas e complexas maneiras: é esta a sua FORMA, que a lingüística estuda em seu funcionamento (lingüística descritiva) ou em seu desenvolvimento através do tempo (lingüística histórica).

Esta forma, em si mesma, não depende das outras manifestações culturais. Ela compreende um conjunto coordena-

do, ou sistema, de sons vocais simples — os fonemas, que se conjugam das mais variadas maneiras para constituir os símbolos lingüísticos elementares — os morfemas; êstes, por sua vez, se combinam para estabelecer simbolizações complexas da palavra e finalmente da frase, ou antes, da frase, onde a análise lingüística depreende a divisão intermediária da palavra. Do ponto de vista natural e do ponto de vista cultural êsses fonemas e morfemas são **arbitrários**, isto é, não dependem em sua forma sônica nem da natureza física nem da cultura a que servem. Qualquer forma lingüística pode servir a qualquer cultura, porque qualquer elemento formal pode comunicar qualquer idéia; cf. para as idéias de sing. e pl. as maneiras mais variadas: port./'omê/ - /'omês/, ing./mæn/ - men/, - fr. om/invar. (expressão indireta/lom/ - /lezom/), bântu/muntu/ - /bantu/, yana/kuwi/ - /kuruwi/, nass/gyat/ - /gyigyat/.

Assim se estabelece naturalmente uma lingüística à margem da antropologia, ou melhor, fora dela.

É verdade que os elementos formais da língua — como vimos — são **SÍMBOLOS**. Isto quer dizer que êles têm uma significação, que significam qualquer coisa dentro da cultura global. Esta significação está disposta, por sua vez, numa estrutura, ou **FORMA**, que desde Humboldt chamamos **FORMA INTERNA** em face da **FORMA EXTERNA**. Os morfemas se distribuem e combinam para significar todo o universo externo e interno do homem, a sua visão cósmica (al. **Weltanschauung**); é a função essencial da língua, para muitos filósofos (Cassirer por exemplo) essa de dar uma **REPRESENTAÇÃO** do mundo das coisas, em cuja base se processa a **COMUNICAÇÃO**.

Ora, em face do mundo natural e psíquico, esta visão cósmica é até certo ponto também arbitrária e está ligada à cultura a que a língua serve. São os centros de interesse de determinada cultura que se estruturam na forma interna da língua. Criam-se morfemas distintos para exprimir coisas consideradas distintas, constituem-se morfemas complexos para significar coisas consideradas associadas a outras já significa-

das por morfemas simples, não há morfemas para significar coisas de que não cogita a cultura, criam-se classes de morfemas na base por que a cultura classifica as coisas que êles exprimem.

A lingüística pode, entretanto, ainda aqui, estudar essa forma interna em si mesma, sem procurar relacioná-la com o resto da cultura; e é o que faz geralmente. Assim o lingüista depreende numa língua o dual ao lado do plural, noutra uma distribuição dos nomes em gênero animado e inanimado em diretrizes às vêzes surpreendentes, noutra outra distribuição em função do sexo, numa a expressão sistemática do tempo verbal, noutra de preferência a expressão de certos aspectos da ação verbal, numa uma apresentação dinâmica, ou verbal, da frase, noutra uma apresentação estática ou nominal, e assim por diante. A grande especialização que o estudo da língua exige, torna árduo ao lingüista aprofundar-se de tal modo na antropologia que fique em condições de estudar a forma interna da língua em função da cultura concreta do povo que a fala.

5. Há, porém, outra circunstância que torna êsse estudo de conjunto precário. É que a forma interna de uma língua, uma vez constituída, passa a ser um conjunto autônomo, distinto da cultura. É muito difícil resolver em lingüística os 3 problemas fundamentais da relação entre a língua e a cultura: 1) genético: em que medida a cultura determinou a forma interna da língua ou, vice-versa, a forma interna determinou a cultura? (há indicações de que houve em regra os dois fatos e que a forma interna da língua e a cultura global se desenvolveram paralelamente); 2) funcional: em que medida a forma interna num momento dado é realmente espelho da cultura global a que a língua serve? (em regra há retardamento da forma interna em face da cultura, o que os norte-americanos chamam *linguistic lag*); 3) ontológico: em que medida uma dada forma interna de língua impõe o desenvolvimento da cultura ou, vice-versa, uma dada cultura impõe o desenvolvimento da forma interna da língua? (há um grande

grupo de lingüistas, antropólogos e filósofos que insistem na primeira alternativa).

Esses problemas preocupam a ciência desde Humboldt, que focalizou antes de tudo o primeiro. O terceiro foi focalizado por Benjamin Lee Whorf, entre outros, insistindo na primeira alternativa (e fazendo até da ciência ocidental um produto da forma interna indo-européia). O segundo, mais positivo, preocupa os lingüistas **doublés** de antropólogos, como são em regra os da escola norte-americana e os da escola austríaca do Pe. Schimdt; pode-se-lhes acrescentar a escola de Vossler mas com uma ressalva: Vossler conceitua a cultura na base da antiga noção de **civilisation** ou **politesse** (o que é um conceito bastante usual fora da técnica antropológica) e procura estabelecer a relação entre a língua e o povo ocidental que a fala, para mostrar que ela é reflexo da “cultura” elaborada por esse povo sôbre o fundo ocidental comum, e que se pode estudar a história da língua em função da história dessa cultura, pondo de lado os conceitos de estrutura lingüística (externa e interna) autônoma e objeto autônomo de estudo.

Em que pese a esta concepção vossleriana, é inegável que a língua constitui uma estrutura autônoma em face da cultura global. Ela tem seus canais próprios de expressão e desenvolvimento. Isto tem permitido a existência de uma mesma estrutura lingüística em povos culturalmente muito diversos, como na Norte-América o athapascan para três grupos de povos culturalmente diversos; também se vêem línguas de estrutura muito diversa servirem a povos culturalmente semelhantes, como é o caso do japonês e do chinês. No mundo ocidental o inglês, o francês, o alemão são estruturalmente distintos mas servem a uma mesma cultura ocidental. A razão está em que mesmo a forma interna se adapta maleavelmente à cultura a que serve, e as distinções lingüísticas são passadas por alto em muitas representações culturais: assim o latim tinha a distinção de nomes entre o tio materno e o paterno (**avunculus** e **patruus**) sem já a organização familiar que justifica essa distinção; o grego clássico tinha o dual, ao lado do

plural, sem a concepção autônoma do par em face da pluralidade; o português faz as coisas inanimadas masculinas e femininas sem qualquer concepção animística; o russo dá ao aspecto verbal a predominância sobre o tempo sem deixar de ter o mesmo conceito temporal do **devenir** que é a essência da cultura ocidental; e assim por diante.

Há apenas para ressaltar que o desajustamento entre a língua e a cultura tende a corrigir-se (sem nunca o conseguir plenamente) e esse processo de correção constitui o que muitos lingüistas chamam o **progresso lingüístico** (que fora disso é uma expressão sem sentido): as línguas românicas eliminaram a distinção em **patruus** e **avunculus**, o grego da koiné eliminou o dual, o inglês remodelou o conceito de gênero, e assim por diante.

Podemos considerar, portanto, a língua em face da cultura global como uma estrutura própria, que deve ser estudada em si e por si.

6. Não obstante a língua é, em última análise, uma parte da cultura e pertence teoricamente à antropologia. O seu estudo esclarece muitos problemas antropológicos, e o mesmo se pode dizer da antropologia para problemas lingüísticos.

Há, entretanto, um aspecto que mais que tudo torna a lingüística importante para os antropólogos. É que a lingüística, operando numa estrutura especialmente favorável para ser apreendida e explicada, qual é a língua, chegou a um progresso de técnica e segurança de conclusões não atingido nas demais pesquisas antropológicas. Assim a língua é um modelo magnífico de estruturação cultural, e a lingüística com os seus métodos e os seus resultados um modelo magnífico de técnica de ciência social; por isso Levi-Strauss já propôs a técnica lingüística para se estudar um problema social específico como é o sistema de parentesco.

Podemos resumir da seguinte maneira o tema — **Língua e Cultura**:

1) A língua é parte da cultura; 2) É, porém, parte autônoma, que se opõe ao resto da cultura; 3) Explica-se até certo ponto



pela cultura e até certo ponto explica a cultura; 4) Tem não obstante uma individualidade própria, que deve ser estudada em si; 5) Apresenta um progresso que é o seu reajustamento incessante com a cultura; 6) É uma estrutura cultural modêlo, que nos permite ver a estrutura menos nítida, imanente em outros aspectos da cultura.

---

(1) Súmula de uma conferência de 2 horas sôbre Língua e Cultura no Curso de Aperfeiçoamento de Antropologia Cultural da Secção de Estudos do Serviço de Protecção aos Indios, no Museu do Indio do Rio de Janeiro. — Bibliografia recomendada: Boas, Franz — Introduction, em *Handbook of American Indian Languages*, 1, Washington D. C., 1911; Classirer, Ernst — Le Langage et le Monde des Objets, em *Journal de Psychologie*, XXX, Paris, 1933; Cohen, Marcel — Le Langage, structure et évolution, Paris, 1950; Garvin, Paul — Structure and Variation in Language and Culture, reprinted from *Indian Tribes of Aborigenal America*, III, Chicago, 1952; Levi-Strauss — L'Analyse Structurale en Linguistique et en Psychologie, em *Word*, I-1, New York, 1945; Levi-Strauss, R. Jakobson, C. F. Voegelin, Thomas Sebeok — Results of the Conference of Anthropologists and Linguists, Memoir 8 of IJAL, Bloomington, 1953; Mattoso Camara Jr., J. — Princípios de Lingüística Geral, Rio, 1954; Idem — Etnologia e Lingüística, em *Revista do Museu Nacional*, n.º 2, Rio, 1944; Idem, Resenha a Niedermann, Kultur, em — *Revista Brasileira de Filologia*, I-1 Rio, 1955; Olmsted, David — Ethnolinguists so far, em *Occasional Papers of SIL*, 2, Norman, 1950; Sapir, Edward — A Linguagem, introdução ao estudo da fala, tr. port., Rio, 1954; Voegelin C. F. — Linguistics without meaning and culture without words, em *Word*, V-1, New York, 1949; Whorf, Benjamin — Four articles on metalinguistics, Institute of Foreign Service, Department of State, Washington D. C., 1949.